

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA

CLÁUDIA DIAS

**COMO A ORALIDADE DESPERTA O PROTAGONISMO DENTRO DA SALA DE
AULA.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA

CURITIBA - PR

2018

CLÁUDIA DIAS

**COMO A ORALIDADE DESPERTA O PROTAGONISMO DENTRO DA SALA DE
AULA.**

Monografia de especialização apresentada ao departamento acadêmico de Linguagem e Comunicação, Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Língua Portuguesa e Literatura” -

Orientadora: Profa. Dra. Cristina de Souza Prim.

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura

UTFPR
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

TERMO DE APROVAÇÃO

COMO A ORALIDADE DESPERTA O PROTAGONISMO DENTRO DA SALA DE AULA.

Por

CLAUDIA DIAS

Monografia apresentada às 15:30, do dia 25 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

cristina de souza prim
UTFPR - Curitiba
(orientador)

FABIO LUIS FERNANDES MESQUITA
UTFPR - Curitiba

Nivea Rohling
UTFPR - Curitiba

DEDICATÓRIA

*Ao meu esposo Márcio Aurélio e aos meus filhos Carlos Alberto Júnior e Júlia
Hellena por sempre torcerem por mim, e me apoiarem sempre que precisei.*

RESUMO

DIAS, Cláudia. Como a oralidade desperta o protagonismo dentro da sala de aula. 2018 30 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2018.

Ainda que tenhamos aprendido a falar antes de escrever, percebe-se a pouca relevância que se tem dado aos gêneros orais dentro da sala de aula. Nesta pesquisa veremos como a oralidade pode auxiliar o professor na construção do conhecimento do aluno. Apresentaremos uma discussão sobre a oralidade e a oralização dentro do contexto escolar e suas relevâncias. O estudo tratará do gênero exposição oral e buscaremos identificar como essa prática está sendo abordada dentro da sala de aula. Analisamos como a exposição oral pode despertar no aluno a consciência linguística e o protagonismo. Essa prática poderá ser identificada a partir de observações realizada em sala de aula de uma escola pública com aluno do 9º ano do ensino fundamental ciclo II. Este estudo pode contribuir para que os professores não só conheçam a importância da exposição oral no contexto escolar e na vida social do aluno, mas também desenvolvam um trabalho sistemático em sala de aula, partindo de uma sequência de atividades significativas que resultará em conscientização linguística e autonomia de uso da língua culta.

Palavras-chave: Oralidade; Sequência Didática; Protagonismo.

ABSTRACT

DIAS, Claudia. How orality awakens the protagonism within the classroom. 2018 30 f. Monograph (Specialization in Teaching Portuguese Language and Literature) - Graduate Program in Technology, Federal Center of Technological Education of Paraná. Curitiba, 2018.

Although we have learned to speak before writing, one can see the little relevance that has been given to the oral genres within the classroom. In this research we will see how orality can help the teacher in the construction of student knowledge. We will present a discussion about orality and oralization within the school context and its relevance. The study will deal with the oral presentation genre and we will seek to identify how this practice is being approached within the classroom. We analyze how the oral presentation can awaken in the student the linguistic awareness and the protagonism. This practice can be identified from observations made in the classroom of a public school with a student of the 9th grade elementary school cycle. This study may contribute to the fact that teachers not only know the importance of oral exposition in the school context and the social life of the student, but also develop a systematic work in the classroom, starting from a sequence of significant activities that will result in linguistic awareness and autonomy of the cultured language.

Keywords: Orality, Didactic Sequence and Protagonism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	
.....	07
2 REFLEXÃO SOBRE A ORALIDADE EM SALA DE AULA	08
2.1 Oralização	
.....	10
2.2 Oralidade	
.....	12
2.2.1 A Exposição Oral	
.....	13
3 METODOLOGIA DE PESQUISA: A OBSERVAÇÃO DE AULA	14
4 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	
.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
.....	21
REFERÊNCIAS	
.....	23
ANEXOS	
.....	24

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar como os gêneros orais estão sendo mediados como prática na aprendizagem em sala de aula. É importante que o professor trabalhe com a oralidade dos alunos dentro da sala de aula para que este amplie sua consciência linguística e seu conhecimento, para que aprenda a argumentar e a ouvir e para aprimorar sua criticidade. Com base nisso, tentaremos responder a seguinte pergunta: como o gênero oral é usado para ampliar a consciência linguística, a forma de se replicar discursos e de formar opinião dentro da sala de aula? Ou: como o trabalho com gêneros orais pode contribuir na tarefa de fazer com que o aluno se torne um cidadão crítico, autônomo e competente?

Podemos afirmar que ao menos desde a escrita do PCN (1997) já há uma preocupação em se reforçar a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do 5ª a 8ª série do ensino fundamental ciclo afirmam que

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la[...] (PCN, 1998, p.25)

A familiaridade com os gêneros orais funciona como ferramenta para a interação social, é um elo entre o aluno e as mais diversas situações da comunicação em sociedade, e por isso seu trabalho na escola deveria ser inquestionável. Como nos lembra o PCN de língua portuguesa (1997, p. 38), “[...] Elegir a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua[...]”. Ou seja, essa prática faz com que o aluno aprenda a argumentar com facilidade em uma situação pública e adquira mais criticidade, mas não basta que se dê oportunidade de fala ao aluno para isto; é necessário planejamento.

Veremos como essas recomendações dos PCNs podem ou não ser relacionadas às propostas de Marcuschi (2008), Bakhtin (1992), Marcuschi e Dionísio (2007) e Dolz e Schneuwly (2011), em especial. Isto será trazido no

capítulo 2 deste trabalho. Em seguida, no capítulo 3, apresentarei a pesquisa feita em uma turma do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Carlos de Arnaldo Silva. Foram acompanhadas as aulas de uma professora de língua portuguesa desde a preparação, pesquisa do tema e exposição de um gênero ligado à oralidade, exposição oral. Também buscamos saber com esta pesquisa como o aluno argumenta diante dos demais colegas da classe; e se há uma mediação do professor da sala ou participação dos colegas nas argumentações. No quarto capítulo, analisaremos o uso dessa metodologia à luz das teorias apresentadas. O trabalho se encerra, por fim, com as conclusões alcançadas.

2 REFLEXÃO SOBRE A ORALIDADE EM SALA DE AULA

A escola tem o objetivo de garantir aos alunos que se apropriem de práticas de linguagem instauradas na sociedade para que eles possam ter participação social e efetiva. A linguagem oral promove a compreensão do homem em representar a realidade física e social, pois conduz a compreensão do pensamento e da ação, facilitando relações interpessoais, mas isto não basta para que se tenha acesso às diversas situações sociais que existem, pois diferenças de formalidade na fala afastam as pessoas que não tem acesso à língua culta de situações de fala mais formais.

“... É provável que a distância entre formal e informal no caso da fala apresente espaço maior que no caso da escrita. Isso pode ser tido como plausível e seguramente se dá com maior intensidade quanto maior for o nível de escolarização de uma sociedade...” (Marcuschi e Dionísio, 2007, p. 65)

É muito importante que as escolas tenham em seu cotidiano atividades que envolvam os gêneros orais, pois com o auxílio desses gêneros o aluno poderá se tornar capaz de intervir sobre as condutas de comunicação oral espontânea e formal. Essa prática de tomada de palavra em público, por exemplo, é indispensável para garantir eficácia em diversas profissões. Para que o trabalho seja bem-sucedido, os alunos precisam de uma preparação prévia para a exposição do trabalho oral, precisam ter instrução de que se deve considerar o perfil do interlocutor para se decidir o grau de formalidade e, se o trabalho for feito em grupo, que se deve coordenar a fala própria com a dos colegas. Não basta, portanto, que haja apenas espaço de fala para cada aluno para que se considere feito o trabalho com a oralidade.

De acordo com o PCN (1997) o trabalho com a linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas: seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, ou de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral, que desenvolve no aluno o aprender a redizer, argumentar, persuadir, falar de modo claro sobre o que pensa, além de ampliar seu vocabulário. Só em atividades desse tipo é possível dar sentido e função ao trabalho com aspectos como entonação, dicção, gesto e postura que, no caso da linguagem oral, têm papel complementar para conferir sentido aos textos.

Isto não quer dizer que a atividade oral não deva ser discutida em sala sobre a forma de expressão oral trazida pelo aluno, pois esta reflete em muitos aspectos a expressão oral da sua comunidade. Ela pode ser ponto de partida para que então seja proposto o exercício da adequação aos contextos comunicativos diante de diferentes interlocutores.

Para que isso aconteça, as atividades precisam estar contextualizadas em projetos de estudos dentro do currículo proposto, como nos instruem os PCNs de Língua Portuguesa: (1999, p.39). “[...] É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento...”

Para Marcuschi (2008), as atividades comunicativas são uma das formas de organização da sociedade e condicionam boa parte das demais ações praticadas em sociedade, fazendo com que haja um acúmulo comum de conhecimentos diários sobre normatividade e reputação social da atividade comunicativa prescritos e moldados pelos gêneros. Com a experiência, podemos ter uma visão clara sobre o que convém ou não em determinados momentos, e observamos que aos gêneros orais estão muitas vezes atribuídos valores. Mas por que então a escola precisa trabalhar os gêneros orais se estes são organizados por seus falantes e não por instituições? Justamente porque há valores atribuídos às variantes linguísticas e aos graus de formalidade.

Baseamo-nos em Marcuschi (2008) para enfatizar que há sim diferença entre a fala e a escrita, visto que a escrita, embora seja uma representação da fala, ela nunca a representará em seu processo será completo. O meio em que o texto foi originalmente expresso ou exteriorizado se modifica, mas o modo como o texto foi

concebido não. No caso de um poema declamado, o texto, originalmente escrito, não se torna em uma linguagem falada no ato da declamação, mas se torna um texto escrito oralizado, já que sua concepção foi escrita. É claro que o som é uma condição necessária da oralidade, pois sem ele, seguramente não teremos língua oral, mas não se trata do único elemento a ser observado no trabalho com a oralidade.

Há uma diferença, portanto, a ser trabalhada entre oralização e oralidade. Marcuschi aponta esta diferença para chamar a atenção quanto ao trabalho com o oral em sala de aula. O trabalho com a oralidade parte da reflexão de um texto escrito, mas não lido, e sim utilizado como forma de organização discursiva. Já a oralização parte da concepção oral, e é pensada a partir de intervenções individuais como gestos, opiniões, olhares, alteração da voz, formas socialmente praticadas sem planejamento textual, sem monitoramento linguístico. Nas próximas duas subseções, 2.1 e 2.2, trataremos com mais cuidado cada uma destas categorias.

2.1 A ORALIZAÇÃO

O domínio da língua oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam. Aprende-se a falar antes de se aprender a ler e a escrever. A maioria das crianças possui um domínio muito bom da linguagem oral quando entra para a escola, pois se comunicam com seus pais e com a sociedade em que vivem. É sabido assim que a aquisição do oral começa, sobretudo, sem uma aprendizagem formal.

Sobre esse assunto, Dolz e Schneuwly (1998, p.126) levantam os seguintes questionamentos: “Deverá a escola intervir sobre as condutas de comunicação oral espontânea? Não seria preferível deixar que se desenvolvessem sem qualquer intervenção? O que é preciso fazer para ligar a circulação dos saberes à vida profissional e à cidadania? Que linguagem trabalhar?”. Esses questionamentos fazem com que possamos pensar em como fazer com que o trabalho com o gênero oral seja significativo para a vida do aluno e como fazer isso sem inibir os saberes orais em que já trazem da sua convivência familiar. O maior desafio para o professor neste quesito é definir claramente quais as características do oral a ser ensinado e como torná-lo ensinável.

A comunicação oral através da oralidade espontânea está em relação íntima com o corpo; a exemplo disso é quando o locutor deixa escapar índices involuntários de emoções como um sangue que afluí ao rosto, um estrangulamento na voz, a posição do corpo, a respiração, a atitude corporal. A comunicação oral não se atém apenas por meios linguísticos, ela vai além, a utilização involuntária de significantes ou sinais de atitudes como mímicas faciais, silêncio, posição dos locutores, distância, prosódia, posturas, olhares, gestualidades do corpo ao longo da interação comunicativa. Essa comunicação não verbal pode trair o falante quando este deixa escapar índices involuntários dessas emoções, sejam elas perceptíveis ou não.

O oral espontâneo aparece com interrupções da fala, repetições, hesitações, correções, ou seja, nele transparece um pouco mais o processo de construção do texto. Porém, todas essas manifestações de “desordem” podem ser analisadas na ótica de um funcionamento adequado da interação oral e social. É a esta manifestação que estamos chamando “oralização”, ou seja, uma fala pouco planejada, mas com sentido, propósito e adequação a situações informais de fala.

Ou seja, os alunos geralmente dominam as formas cotidianas de produção oral como uma reação imediata de outros interlocutores. O papel da escola é fazer com que os alunos ultrapassem as formas de produção cotidianas para confrontar com outras formas mais institucionais. A escola possui então o papel de instruir mais do que de educar abordando gêneros da vida cotidiana e para isso é preciso que nos concentremos em gêneros de comunicação pública formal como exposição, relatório de experiências vividas, entrevistas, discussão em grupo, debate e etc. Não estamos, com isso, defendendo o aniquilamento das variedades orais informais em sala, que podem, por exemplo, ser trabalhadas em tarefas de análise linguística também, em especial com o objetivo de conscientizar sobre a importância da adequação à situação de fala formal e informal a cada contexto. Mas, visto que os alunos já chegam à escola sabendo variedades informais, deve-se dar grande atenção à língua oral formal, pois os alunos precisam sair da escola dominando a língua culta. Vejamos então como se tem pensado este trabalho com a oralidade em sala de aula.

2.2 A ORALIDADE

Na vida adulta a expressão oral bem articulada é essencial e pode ser um critério decisivo para o sucesso profissional de muitas pessoas, por isso é imprescindível que a escola crie essa vivência e aproxime esse conhecimento das falas mais padronizadas.

Nas escolas é comum observarmos o oral como um objeto sem autonomia no trabalho escolar, pois segue ora muito dependente da escrita, a leitura em voz alta, ora segue livre, sem elaboração prévia. Em nenhum dos dois casos observa-se planejamento de fala.

Na infância os alunos aprendem a recitar e interpretar oralmente textos não verbais, contos de fadas são idealizados através de imagens e são contados para seus colegas, a leitura em voz alta de contos de fada e de livros infantis são umas das formas de iniciação das crianças na relação oral/escrita, nessa dinâmica o oral passa ser uma forma de pré-escrita. Mas também vemos nestas situações uma falta de planejamento de fala, de tomada de consciência linguística sobre a adequação da variedade linguística à situação discursiva. Por isso, não podemos caracterizá-la ainda como oralidade, e sim como escrita oralizada.

Portanto, o planejamento de fala para adequá-la à situação discursiva, feito de forma desprendida da leitura, é o que caracteriza o trabalho a ser feito com a oralidade.

Já ressaltamos que o trabalho com gêneros orais garante ao aluno que não apenas se expresse bem, mas que desenvolva em si o protagonismo do seu próprio conhecimento e da sua ação. Vejamos então como gêneros orais escolares se organizam para entendermos posteriormente que trabalho precisa ser feito.

2.2.1 A exposição oral

“...Os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre o locutor e o destinatário da fala (no limite, numa espécie de fusão entre eles). O discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva...” Bakhtin (1992, p. 323)

A exposição oral é um instrumento que possibilita ao ouvinte e ao expositor apresentarem sobre diversos conteúdos, contribui para a exploração de fontes diversificadas, implica seleção de informações de fontes diversificadas, em função do tema a ser apresentado, e conta com a elaboração de esquemas que sustentem a apresentação oral.

Em relação às dimensões comunicativas da exposição oral, esta requer trabalho planejado, antecipação e consideração do auditório, para que se dê satisfatoriamente a transmissão do saber. Além disso, esta permite a construção do papel do especialista, uma vez que coloca o expositor na condição de quem sabe o que está expondo.

Quanto às características gerais do gênero exposição oral, é um discurso que se realiza em uma situação de comunicação específica: há um expositor e um auditório inseridos em um contexto de transmissão do saber, em um determinado tempo e espaço. Com relação à estrutura dos gêneros, Bakhtin nos lembra que os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”; os gêneros não são, assim, fechados nem devem funcionar como regra, e sim que os falantes o organizaram desta forma, e, se houver necessidade, podem modificá-los. Feita esta ressalva, apresentamos a estrutura do gênero exposição oral, segundo Schneuwly e Dolz (2014):

- Abertura: fase em que o expositor estabelece contato com o auditório (no caso da nossa atividade, com os outros grupos de trabalho), cumprimenta as pessoas e legitima sua condição de especialista do tema a ser apresentado.
- Introdução do tema: apresentação da proposta de exposição, delimitação do tema, mobilizando o interesse do público ouvinte; dá informações sobre as fontes consultadas.

- Apresentação do plano da exposição: explicação das escolhas feitas, tornando claro para os ouvintes que o texto oral foi planejado e segue uma sequência predeterminada.
- Desenvolvimento da exposição propriamente dita: apresentação do tema e subtemas a ele relacionados.
- Fase de síntese ou recapitulação do que foi exposto: são retomados os tópicos mais importantes da exposição a fim de encaminhá-la para o final.
- Conclusão ou mensagem final: pode ser a conclusão do que foi exposto até então, a introdução de uma nova questão para os ouvintes pensarem, ou o espaço aberto para um debate.
- Encerramento: agradecimento ao público, fala da mediadora da exposição (no caso do trabalho com os grupos, pode ser o professor ou algum aluno previamente designado para a função.)

A exposição oral passa por um processo de criação, sendo que os locutores a realizam de forma simultânea, pois

“...uma exposição oral não se improvisa, mesmo que ao longo do processo de produção aquilo que foi previamente preparado requeira uma adaptação à situação. A palavra dos outros não é somente a palavra dos interlocutores presentes; de fato, o discurso pode integrar, de forma enunciativa explícita, “vozes” institucionais proferidas alhures ou anteriormente. A gestão do discurso não depende unicamente de regulações locais, mas também de estratégias mais globais.” (DOLZ, SCHNEUWLY, 2011, p.146).

A organização de uma exposição oral passa ainda por outras fases, nas quais o aluno desenvolve a competência leitora, escritora e de oralidade, pois tanto a fala quanto a escrita são fundamentais para o indivíduo no processo de reprodução do discurso. Essas práticas discursivas, então, não se competem e sim se complementam.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA: A OBSERVAÇÃO DE AULA

Para alcançar o objetivo deste trabalho – a lembrar: analisar como os gêneros orais em sala de aula estão sendo mediados como prática na aprendizagem – esta pesquisa foi realizada através de acompanhamento em uma sala de aula de nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Carlos de Arnaldo Silva. As aulas de uma das professoras de língua portuguesa foram acompanhadas desde a preparação, pesquisa do tema e exposição de gêneros ligados a oralidade. Procurei saber como o aluno argumenta diante dos demais

colegas da classe e verificar se há uma mediação do professor da sala, participação dos colegas nas argumentações, para, por fim, analisar o uso dessa metodologia adotada pela professora como símbolo das crenças do professor sobre como acredita que o trabalho com os gêneros orais deve ocorrer.

A atividade desenvolvida pela professora está prevista no Currículo da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Proposta Curricular do Estado de São Paulo, língua portuguesa 9º ano caderno do professor volume I, página 16-2014/2017. Esta atividade divide-se em duas situações de aprendizagens que abordam a tipologia expor e argumentar.

Na primeira situação o material de apoio ao professor sugere para que ele faça uma sondagem com os alunos sobre as tipologias propostas. Seguindo a proposta, a professora em sala questiona os alunos se eles já tiveram que expor alguma coisa a alguém, ou seja, se alguém já precisou falar em público, seja em família ou grupo de amigos, questiona também se já precisaram convencer alguém de algo, argumentar sobre a sua opinião. Em seguida a professora fala sobre a exposição oral, ela explica aos alunos que para que uma exposição oral apresente resultados é necessário que o aluno faça diversas pesquisas sobre o tema proposto, ela precisa ser preparada com muita leitura e escrita.

No campo de pesquisa a professora dá exemplos de como e onde o assunto pode ser observado e dá exemplos de recursos orais como seminários, exposições orais que falem do tema, conferências, entrevistas de especialistas, já na escrita ela exemplifica gêneros como os verbetes, artigos enciclopédico, tomada de notas, resumo de textos expositivos, relatório científicos, entrevista escritas de especialistas, artigos de opinião e etc.

Na segunda situação de aprendizagem ela fala da tipologia argumentava e sistematiza com os alunos os traços característicos da tipologia argumentar encontrados em diferentes gêneros textuais, esclarece aos alunos sobre a função social e comunicativa desses gêneros em diferentes contextos, como a que público eles se dirigem, que mensagens apresentam, como os pontos de vistas são revelados dentro do texto identificando o olhar do autor etc.

Em seguida a professora apresenta aos alunos uma coletânea de textos de gêneros diferentes para que eles identifiquem o tema que será proposto na exposição oral.

O primeiro gênero trabalhado é a música (anexo 1). Primeiro a professora apresenta a música para os alunos ouvirem sem a letra, logo após ela entrega a letra da música aos alunos para que eles leem acompanhando a melodia.

Em seguida em roda de conversa a professora trabalha a oralidade na variedade informal dos alunos perguntando se eles já conheciam a música e o que acharam da letra, se eles conseguiram verificar qual o tema tratado na letra da canção, qual opinião do autor sobre o tema que ele aborda e que versos comprovam essa opinião e se eles conhecem outras canções que falam do mesmo tema. Os alunos participaram bastante dessa dinâmica. Identificaram rapidamente o tema proposto e a opinião do autor, argumentaram sobre o título da canção “A paz que eu não quero” e observaram que os cidadãos estão presos em suas casas protegidos por grades enquanto a violência está nas ruas.

O segundo gênero trabalhado em sala foi a crônica (anexo 2). A professora entregou a crônica para os alunos e pediu para que lessem silenciosamente, depois ela leu em voz alta o texto e pediu para que procurassem pontos em comum entre a música e a crônica, fazendo com que eles reconheçam a questão da violência e suas consequências. Em seguida a professora fez um comentário sobre o tema da crônica fazendo comparações com a música, evidenciando a semelhança abordada entre os presídios e os condomínios. Após, ela pediu para que os alunos escrevessem em seus cadernos um pequeno comentário sobre a crônica de Luís Fernando Veríssimo, tendo em vista o tema central abordado no texto.

Posteriormente em pequenos grupos a professora pediu para que trocassem os textos e lessem em voz alta, observando se os alunos tiveram a mesma impressão ou em que elas se assemelham ou divergiam, se concordam com as impressões de seus colegas e o porquê. Assim que terminadas as leituras, os alunos perceberam que há formas diferentes de discutir o mesmo tema, que alguns autores optam por falar diretamente sobre o assunto contando histórias do cotidiano, outros falam metaforicamente, como é o caso da música.

A professora, pediu para os alunos fazerem cartazes sobre o assunto. Ela observou que eles poderiam fazer o uso da linguagem verbal e não verbal para a

produção dos cartazes. Cada grupo apresentou os cartazes elaborados para toda a classe expondo suas opiniões sobre o tema. A professora faz uma mediação nas apresentações, indagando no decorrer das apresentações se os alunos gostaram dos cartazes e se acharam que as linguagens utilizadas fizeram um diálogo entre a música e a crônica.

O terceiro gênero trabalhado foi a charge (anexo 3). A professora entregou aos alunos uma charge e pediu para que lessem e fizessem uma análise silenciosa do tema. Após a leitura da charge a professora falou para os alunos da definição de Laerte sobre a questão do medo e da violência, disse que é bastante explícita nesse quadrinho, facilitando o entendimento dos alunos, uma vez que já adquiriram algum repertório sobre o tema na leitura dos textos anteriores. Em seguida ela passa um questionário para que eles respondessem no caderno.

a) Laerte faz referência à *Liberdade guiando o povo*, obra de Eugène Delacroix de 1830 inspirada na Revolução Francesa. Considerando esta informação, como o cartunista compreende a questão do medo e da violência?

b) Que elementos da charge contribuem para que você identifique a opinião do cartunista?

c) Você identificou alguma relação entre a mensagem apresentada na charge e a dos textos anteriores? Qual?

Após essa atividade e discussões sobre a coletânea de textos aqui apresentado, a professora pede para que respondam individualmente em uma folha avulsa dizendo qual a opinião deles em relação ao tema discutido na coletânea e se concordam com os autores e com qual texto eles mais se identificaram.

A professora percebe que os alunos nesta fase já utilizam recursos argumentativos como: “eu acho que o texto X é mais claro porque ...”, “a violência existe por causa da...” “a consequência mais direta da violência é o aprisionamento das pessoas, porque...”, os alunos já conseguiram construir sua opinião sobre a questão da violência e pensa em possíveis soluções para que esse problema possa ser amenizado na sociedade.

Depois de ter lido todas as respostas, a professora indaga se eles perceberam que a violência é um problema de todos e qual o nosso papel dentro da sociedade para fazer com que essa situação seja amenizada.

O quarto e último gênero trabalhado é o Artigo de Opinião (anexo 4). A professora apresenta aos alunos um fragmento de um artigo de opinião, leva os alunos na sala de informática da escola e pede para que os alunos façam uma pesquisa sobre o artigo na íntegra e demais gêneros que aborde o assunto proposto. Nesta investigação o aluno busca, a partir das discussões realizadas em sala de aula e dos textos estudados, enriquecer e ampliar as discussões e reflexões se aprofundando em outros artigos e vídeos relacionados ao tema. Essa pesquisa faz com que os alunos aprofundem ainda mais seus conhecimentos.

Após o término da pesquisa a professora divide a sala em grupos e pedem para que discutam sobre o assunto e elaborem uma exposição oral sobre o tema “violência urbana”. Ela ressalta aos alunos sobre a postura em sala na hora da exposição, tom de voz, gestos, e principalmente a clareza ao defender o tema pesquisado.

Observe que a oralidade ainda precisa ser mais trabalhada nas escolas, pois os alunos ainda necessitam de práticas orais em sala para alcançarem maturidade na fala, alguns alunos se mostraram envergonhados e com dificuldades de se expressarem. A falta da prática da oralidade fez com que eles apresentassem essa dificuldade na ocasião da fala.

Foi estipulado um tempo de 10 a 15 minutos para cada grupo expor suas ideias. Logo após os alunos da sala tiveram 5 minutos para fazerem questionamentos ou complementos sobre a exposição dos colegas.

No momento dos questionamentos percebi a dificuldade dos ouvintes em fazer as perguntas ou enfatizar um argumento. Essa dificuldade se deu pelo fato de não estarem acostumados com a dinâmica da oralidade, certamente com a continuidade dessa atividade na sala, os alunos poderão adquirir mais segurança e maturidade ao falar.

Algumas fotos retiradas no momento das atividades se encontram no anexo 5.

No capítulo seguinte, faremos uma análise destas atividades à luz do que foi apresentado por Marcuschi (2008), Bakhtin (1992), Marcuschi e Dionísio (2007) Dolz e Schneuwly (2011).

4 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Ao longo do desenvolvimento da sequência de atividades a professora realizou uma conversa com os estudantes, mostrando a importância do trabalho com a exposição oral e a necessidade de transformá-lo na sala de aula, porque o trabalho oral faz uma ponte entre a escrita e a leitura.

Na dinâmica de oralidade da exposição, a professora dividiu a sala em grupos. Percebi que nas apresentações os alunos não utilizaram nenhum recurso como data show, cartazes ou outro instrumento que facilitassem a dinâmica na hora da exposição ou na compreensão do assunto, esses recursos poderiam facilitar a apresentação oral, pois poderia se usar gêneros da linguagem não verbal para provocar e elucidar a compreensão do que é dito ou terem usado gráficos para se alicerçar melhor nas argumentações de exemplos, causa e consequência etc.

A exposição oral foi desenvolvida pelos alunos tanto através de planejamento de fala e organização do texto oral quanto sem planejamento prévio cada aluno de cada grupo expôs sua opinião relacionada ao tema. Eles se dividiram e se organizaram de forma que cada um dissesse algo que se dirigia a proposta apresentada pela professora. Houve momentos em que alguns alunos leram trechos de artigos pesquisados por eles para enfim argumentar em cima do que foi lido, mas como a leitura foi seguida de comentário, entendemos que há uma marca explícita de planejamento de fala aqui.

Durante a apresentação se evidencia a facilidade de expressão oral de alguns alunos em relação aos outros, que apresentaram um conjunto de condições necessárias para a atividade proposta como: segurança com postura de conhecedor do assunto, domínio da situação comunicativa e interação com o público. Baseando-nos nesses fatores, percebe-se um protagonismo maior em alguns alunos na hora da apresentação, que combinam com o comprometimento do trabalho desenvolvido por esses alunos no decorrer da sequência didática observada. São também estes os alunos que têm mais facilidade com o uso de uma linguagem mais formal.

Mesmo que o tema seja o mesmo para os grupos, percebi que os alunos desenvolveram a oralidade com embasamentos diferentes, elucidando de formas distintas seus argumentos e exemplos. Isso ocorre pela vivência dos integrantes do grupo e seus conhecimentos prévios em relação ao tema, assim como a pesquisa por eles realizada.

Acredita-se também que durante o processo de construção do conhecimento em torno desta atividade, a leitura de diferentes gêneros textuais, o reconhecimento de palavras até então desconhecidas, a produção textual e o conhecimento explícito auxiliaram na produção da consciência linguística, que acontece de forma gradativa durante o processo.

A formulação das ideias perpassa vários aspectos relacionados à representação da língua, seja ela gráfica ou oral. Os conceitos formados no indivíduo a partir das atividades que fazem ele refletir e argumentar são conceitos que desenvolverão seu protagonismo durante a sua vivência na vida adulta. As atividades de pesquisa e de receptor de informações farão com que ele se torne ainda mais protagonista de seu próprio conhecimento e amplie ainda mais esses conceitos.

Bakhtin (1992, p. 325) afirma que ...” As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso...”. `Por isso a importância de trabalhar os gêneros orais em sala de aula com o objetivo de preparar o aluno para os diversos meios comunicativos em que ele está inserido

. Estudiosos como Dolz e Schneuwly (2011, p. 147) asseguram que os gêneros orais ...” ajudam a melhorar a expressão nas formas cotidianas de produção oral...”, logo, eles são importantes para despertar o protagonismo nos estudantes, pois o jovem chega ao mundo do trabalho mais preparado para as diversas situações comunicativas que ele precise se expressar oralmente.

De tal modo vimos que o trabalho com os gêneros é fundamental para o crescimento do aluno e que para culminar em uma exposição oral é necessário passar por gêneros diferentes, assim o aluno possui competência sobre o que vai expor. Marcuschi (2008, p. 149) afirma que “...os gêneros são uma forma social e que é parte integrante da estrutura comunicativa da sociedade...”. Observamos também que, além dos gêneros textuais que o professor trabalha em sala é

fundamental que ele use recursos tecnológicos como data show, vídeos, slides pois esses recursos facilitam a criação dos sentidos.

“...O processamento textual falado ou escrito, portanto, exige atividades que vão além da palavra, pois a construção de sentidos resulta da combinação de recursos visuais e verbais...” (Marcuschi e Dionísio, 2007, p. 197)

Portanto, conclui-se que a exposição oral exige além da especialização do tema proposto e o domínio da estruturação do gênero, um plano ou esquema de exposição utilizando recursos que fazem a atividade se tornar mais lúdica e significativa, pois a exposição oral é um instrumento importante e necessário dentro da escola porque está a serviço da aprendizagem e da transmissão de conhecimentos.

Sendo assim, o professor precisa ser dinâmico em suas aulas usando recursos audiovisuais, levando para sala diversos gêneros textuais que abordem o mesmo tema, instigar o aluno a refletir e a falar sobre temas polêmicos, levar os estudantes a procurar outras fontes de pesquisas, trabalhar em agrupamentos produtivos e fazer da oralidade um trabalho habitual em seus ensinamentos. Logo o aluno assumirá o papel de protagonista diante de situações de exposição oral em que ele, expresse e argumente com mais facilidade, dinamismo e naturalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar como os gêneros orais vem sendo desenvolvido em sala de aula, esta pesquisa parte do entendimento de que esses gêneros vêm sendo pouco trabalhado nas escolas, e que a oralidade precisa fazer parte da vida escolar dos alunos através de uma sequência didática, onde esses estudantes desenvolvem um conjunto de atividades em que o gênero textual oral pode ser desmembrado, estudado e desempenhado.

Antes, porém, foi necessário apresentar os pressupostos teóricos de alguns estudiosos sobre os gêneros textuais, tais como Marcuschi (2008), Bakhtin (1992), Marcuschi e Dionísio (2007) e Dolz e Schneuwly (2011), que apresentaram uma visão entre os gêneros orais e escritos e, além disso, o trabalho mostrou o que os PCN's dizem a esse respeito.

Com o intuito de verificar a importância conferida à modalidade oral da língua dentro da sala de aula, observei a sequência didática desenvolvida na organização e preparação da exposição oral. Com esta observação percebi que a construção da exposição oral passa por momentos nos quais o aluno recebe e produz textos que são estudados e analisados com o objetivo de ocasionar a reflexão dele sobre o tema. É a partir desta reflexão e discussões que se forma a opinião do estudante e faz com que ele crie argumentos para se alicerçar no que vão dizer na hora da oralidade.

Conclui-se que os gêneros orais necessitam ser trabalhados na escola com mais frequência e preparo, e que o gênero exposição oral é um instrumento importante e necessário dentro da sala de aula que contempla a aprendizagem do aluno e desperta o ser protagonista, que na vida adulta se tornará um cidadão mais crítico autônomo e competente.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: Bakhtin, M. *Estética de criação verbal*. São Paulo. Martins Fontes, 1992
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *O oral como texto: Como construir em objeto de ensino*. Campinas: editora Mercado de letras edições e livraria Ltda, 2011
- MARCUSCHI Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais no ensino de Língua*. São Paulo: editora Parábola Editorial, 2008.
- Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. MEC 1997.
- Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. MEC 1998.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo, caderno do professor de língua portuguesa, 9º ano, volume 1 – 2014/2017

ANEXOS**ANEXO 1*****Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)******O Rappa******Compositor: Marcelo Yuka (1999)******Álbum Lado B Lado A***

A minha alma tá armada e apontada
 Para cara do sossego!
 (Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)
 Pois paz sem voz, paz sem voz
 Não é paz, é medo!
 (Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero conservar
 Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero conservar
 Pra tentar ser feliz?

A minha alma tá armada e apontada
 Para a cara do sossego!
 (Sêgo! Sêgo! Sêgo! Sêgo!)
 Pois paz sem, paz sem voz
 Não é paz é medo
 (Medo! Medo! Medo! Medo!)

Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero conservar
 Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida
 Às vezes é ela quem diz
 Qual a paz que eu não quero conservar
 Pra tentar ser feliz?

As grades do condomínio
 São pra trazer proteção
 Mas também trazem a dúvida
 Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona
No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero conservar
Pra tentar ser feliz?

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz
"Qual a paz que eu não quero conservar
Pra tentar ser feliz?"

As grades do condomínio
São pra trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar na poltrona
No dia de domingo (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo
Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitindo

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixa sentar na poltrona
No dia de domingo! (domingo!)

Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido
É pela paz que eu não quero seguir admitido
Procurando novas drogas de aluguel
Neste vídeo coagido

É pela paz que eu não quero seguir admitindo

É pela paz que eu não quero seguir

É pela paz que eu não quero seguir

É pela paz que eu não quero seguir admitido

É pela paz que eu não quero seguir

É pela paz que eu não quero seguir

É pela paz que eu não quero seguir admitido

Anexo 2

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os *playgrounds*, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança. Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas. Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatros lados.

As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês. Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas gradeadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado p e l a guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos. E ninguém pode sair.

Agora a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio.

Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

VERISSIMO, Luis Fernando. In: _____. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 97. © by Luis Fernando Verissimo.



Anexo 3

© Laerte

Anexo 4

E a cidade, como é que fica?

“Presídio Professor Aníbal Bruno, Curado. Doze câmaras de vigilância eletrônica, muro de seis metros de altura, cerca elétrica, nenhum sistema detector de violação. Função: retirar do convívio social pessoas que, teoricamente, representam ameaça à coletividade.

Edifício Hockenheim, Jaqueira. Dezesseis câmaras de vigilância eletrônica, muro de oito metros de altura, sistema infravermelho com sete pontos de detecção, acionamento remoto de patrulha de segurança. Função: proteger seus moradores de pessoas como as que se encontram no Aníbal Bruno.”

Diário de Pernambuco, out. 2001 apud SIQUEIRA, Lúcia. *Direito à segurança e direito à cidade*. Disponível em: <http://www.fase.org.br/noar/anexos/acervo/10_Lucia_Siqueira_33.doc>. Acesso em: 27 maio 2013.

ANEXO 5

Atividade de pesquisa realizada na sala de informática.



Momento da exposição



Momento da exposição